

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PEDAGOGIA

CHARLENE CRISTIANE MEDEIROS DE MOURA

A MULHER E A EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO DE JEAN JACQUES ROUSSEAU:
IMPLICAÇÕES PARA A ATUALIDADE.

Ituiutaba

2024

CHARLENE CRISTIANE MEDEIROS DE MOURA

A MULHER E A EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO DE JEAN JACQUES ROUSSEAU:
IMPLICAÇÕES PARA A ATUALIDADE.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Uberlândia Instituto
de Ciências Humanas do Pontal como requisito
parcial para obtenção do título de bacharel em
Pedagogia.

Área de concentração: Núcleo de Organização
do Trabalho Docente e Formação de Professor:
Política e Práticas Educacionais - NUFORPE

Orientador: Dr^a Klívia de Cássia Silva Nunes

Ituiutaba

2024

CHARLENE CRISTIANE MEDEIROS DE MOURA

A MULHER E A EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO DE JEAN JACQUES ROUSSEAU:
IMPLICAÇÕES PARA A ATUALIDADE.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Uberlândia Instituto
de Ciências Humanas do Pontal como requisito
parcial para obtenção do título de bacharel em
Pedagogia.

Área de concentração: Núcleo de Organização
do Trabalho Docente e Formação de Professor:
Política e Práticas Educacionais - NUFORPE

Ituiutaba, 22 de novembro de 2024.

Banca Examinadora:

Dr^a Klívia de Cássia Silva Nunes

Dr^o Armino Quillici Neto

Dr^a Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro

Dedico este trabalho aos meus pais que permitiram a minha vinda neste mundo. Em especial dedico a Terezinha Maria (1951-2020) por ter sido meu exemplo de mulher, de força, de honestidade e de mãe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me conceder o dom da sabedoria e me permitir a compreensão daquilo que antes me era oculto.

Agradeço a minha família que por vezes fizeram suas refeições sem minha presença, que dormiram sem se despedir e desejar um boa noite, que me suportaram em meus momentos de estresse, fadiga e cansaço mental, que nunca desistiram e nem permitiram que eu desistisse, por me amarem e me apoiar em cada passo que eu dava rumo a minha conquista que agora se tornou nossa.

Agradeço ao meu pai Divino Medeiros que sempre me amou e me fez sentir uma princesa, que mesmo distante foi presente, que faz toda a diferença na minha hoje.

Agradeço a meu irmão Alexandre que sempre foi presente em minha vida em todos os momentos, que me ensinou a lutar pelos meus objetivos, me incentivou a estudar e ser uma pessoa melhor, que me ensinou a sorrir, a divertir, que sempre foi um pai na minha vida, preocupado, protetor, amigo e companheiro.

Agradeço à minha orientadora prof. ^a Dr. ^a Klívia Nunes que dedicou em fazer com que simples rascunhos se transformassem em um texto acadêmico, por ser paciente e muito profissional, um exemplo como docente.

Agradeço também, a coordenadora do curso de Pedagogia Cida Satto que foi minha amiga, ouviu meus desabafos, me aconselhou em momentos difíceis e me deu forças para continuar, doçura e amorosidade sempre esteve presente em seu sorriso acolhedor.

Agradeço aqueles que não lutaram comigo nem por mim, pois me deram forças para prosseguir e provar a mim mesma quem eu não gostaria de ser.

Nascemos fracos, precisamos de força, nascemos desprovidos de tudo; temos necessidade de assistência; nascemos estúpidos; precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos ser adultos, é nos dado pela educação. (Rousseau, 1995, p. 10).

RESUMO

O presente trabalho vem abordar alguns pensamentos do filósofo Jean Jacques Rousseau sobre a educação para mulheres no século XVIII. É imprescindível compreender o lugar de ocupação dessa mulher na sociedade, sua formação acadêmica e suas devidas responsabilidades sociais. Em seu projeto de pesquisa sugestivo, porém utópico, Rousseau aponta que a primeira infância deveria ser de inteira responsabilidade das mulheres. Ao pesquisar alguns de seus discursos sobre a reorganização da sociedade civil, sugerindo o sistema democrático de direitos, pode-se notar que tais direitos eram direcionados apenas para os homens. Rousseau conhecido como filósofo Contratualista afirma categoricamente que a mulher deve receber apenas uma educação fragmentada, a ela não se deve oferecer mais do que os conhecimentos básicos de português, matemática e os cuidados com a casa e a família. Como educar as crianças com maestria sendo que não haveria de receber uma educação completa, que proporcionasse um conhecimento a ponto de se obter liberdade, criticidade e compreensão de mundo. Diante disso, debater a questão problematizadora: qual o pensamento de Rousseau com relação à formação educacional da mulher no século XVIII e como esse pensamento reverbera nos dias atuais? Na projeção de se obter respostas e compreender um pouco da raiz pedagógica ser feminina. O trabalho está estruturado em três partes: a primeira, intitulada Jean Jacques Rousseau: vida e obra; a segunda, aborda o pensamento dele sobre a organização social e a educação. A terceira trata do pensamento educacional de Rousseau. O trabalho foi desenvolvido através de pesquisa bibliográfica, obras como “Emílio e a Educação”, “O Contrato Social”, “O discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens”, escritos por Jean Jacques Rousseau. Para complementar a obra autores como Soares (1998), Montessori (1965), Pateman (1993), Silva (1999), entre outros autores foram importantes para aliar esta discussão. Admitir que Rousseau no século XVIII foi precursor da educação infantil é fato. No entanto, seu processo educacional, político e de participação civil é voltado apenas para homens e negado às mulheres que dão à luz a vida, que proporciona a primeira educação, que cuida da família. Para finalizar com dois exemplos de mulheres que quebram os paradigmas de uma sociedade patriarcal e machista, sendo pesquisadoras, cientistas, doutoras da educação e mulheres.

Palavras-chave: Jean Jacques Rousseau. Educação. Mulher. Criança.

ABSTRACT

This paper addresses some of the philosopher Jean Jacques Rousseau's thoughts on women's education in the 18th century. It is essential to understand the place occupied by these women in society, their academic background and their respective social responsibilities. In his suggestive but utopian research project, Rousseau points out that early childhood should be the sole responsibility of women. When researching some of his speeches on the reorganization of civil society, suggesting the democratic system of rights, one can notice that such rights were directed only to men. Rousseau, known as the Contractualist philosopher, categorically states that women should receive only a fragmented education, they should not be offered more than basic knowledge of Portuguese, mathematics and care for the home and family. How can children be educated with mastery if they would not receive a complete education, which would provide knowledge to the point of obtaining freedom, critical thinking and understanding of the world? In view of this, we will discuss the following problematic question: what were Rousseau's thoughts regarding women's educational training in the 18th century and how do these thoughts reverberate today? With the aim of obtaining answers and understanding a little about the pedagogical roots of being feminine. The work is structured in three parts: the first, entitled Jean Jacques Rousseau: life and work; the second, addresses his thoughts on social organization and education. The third deals with Rousseau's educational thought. The work was developed through bibliographical research, works such as "Emile and Education", "The Social Contract", "Discourse on the Origin and Foundations of Inequality Among Men", written by Jean Jacques Rousseau. To complement the work, authors such as Soares (1998), Montessori (1965), Pateman (1993), Silva (1999), among others, were important to bring this discussion together. Admitting that Rousseau was a precursor of early childhood education in the 18th century is a fact. However, its educational, political and civil participation process is aimed only at men and denied to women who give birth to life, who provide the first education, who take care of the family. To conclude with two examples of women who break the paradigms of a patriarchal and sexist society, being researchers, scientists, doctors of education and women.

Keywords: Jean Jacques Rousseau. Education. Woman. Child.

SUMÁRIO

1	Erro! Indicador não definido.	
2	JEAN JACQUES ROUSSEAU: VIDA E OBRA	Erro! Indicador não definido.17
3	ORGANIZAÇÃO SOCIAL E A EDUCAÇÃO NO PENSAMENTO DE ROUSSEAU	Erro! Indicador não definido.
4	O PENSAMENTO ROUSSEAUIANO NA EDUCAÇÃO DAS MULHERES NO SÉCULO XVIII	26
5	CON	Erro! Indicador não definido.36
	REFERÊNCIAS.....	39

1. Introdução

O presente trabalho é fruto de um estudo bibliográfico desenvolvido na disciplina de "Educação Infantil e Pedagogia da Infância" no curso de Pedagogia na Universidade Federal de Uberlândia Instituto de Ciências Humanas do Pontal, onde foram discutidas obras autores clássicos da Educação com objetivo de analisar as concepções pedagógicas da Educação Infantil e os processos metodológicos da organização curricular para o trabalho pedagógico com crianças de até 5 (cinco) anos. Dentre os filósofos apresentados, escolhemos Jean Jacques Rousseau (1712 - 1778) para analisar de forma mais detalhada e tentar compreender em seu discurso qual o lugar de ocupação para aquela mulher na educação e o seu papel enquanto educadora das crianças da primeira infância que Jean Rousseau defende. A escolha deste filósofo se dá pela contextualização instigante em vários de seus discursos, nos quais ele descreve a mulher como um ser frágil, que deve se comportar de maneira virtuosa, amável, dócil, e de extrema submissão. Para ele, a mulher é feita especialmente para agradar ao homem e realizar seus desejos morais, sociais e sexuais.

Na união dos sexos, cada qual concorre igualmente para o objetivo comum, mas não da mesma maneira. Dessa diversidade nasce a primeira diferença assinalável entre as relações morais de um e de outro. Um deve ser ativo e forte, o outro passivo e fraco: é necessário que um queira e possa, basta que o outro resista pouco. (Rousseau, 1995, p. 424).

Trazendo esta discussão para os dias atuais, me colocando dentro desta formação e sabendo da minha posição como mulher, pedagoga, religiosa e política de uma educação contemporânea, percebendo assim a necessidade de compreender este pensamento que ainda hoje pesa na sociedade colocando a mulher em um lugar de extrema submissão a voz masculina. Haja visto, que hoje as mulheres, em pleno século XXI, ainda lutam pelos seus direitos e pelo seu protagonismo na sociedade, enquanto mulheres, fortes, mães ou não, trabalhadoras e independentes.

Nesse sentido, para responder a seguinte questão problematizadora: qual o pensamento de Rousseau com relação à formação educacional da mulher no século XVIII e como esse pensamento reverbera nos dias atuais? Os estudos aqui apresentados, têm por finalidade refletir sobre o pensamento de Rousseau quanto ao lugar de ocupação dessa mulher na sociedade, sua formação acadêmica e a priori de ser considerada responsável pela primeira educação da criança. É importante ressaltar que essa reflexão se dará no contexto educacional considerando o período histórico vivenciado pelo filósofo. Para tanto, tem-se como objetivos específicos: conhecer vida e obra de Rousseau sobre o pensamento educacional infantil; analisar a visão de

Rousseau tem sobre as mulheres, bem como, compreender o papel frente a primeira educação das crianças e as discordâncias quanto a participação delas ao meio social, política e de formação acadêmica.

Rousseau, é um dos principais filósofos iluministas, cuja sua maior preocupação era propagar o ideário da igualdade entre os homens, mas certamente, não estava incluída a mulher. Para tanto, busca-se no seu pensamento teórico, os elementos para compreender como é idealizada a formação dessa mulher numa sociedade onde ela não era vista como um ser político de direito e que reverbera até na atualidade. Para Rousseau, a mulher teria que ser totalmente sujeita ao homem, de restrição ao ambiente doméstico e nenhuma participação político-social (Rousseau, 1979).

Em sua obra de Emílio ou da Educação, apresenta uma visão clara de sua defesa de uma educação diferenciada entre homens e mulheres (Rousseau, 1979), baseando seus argumentos unicamente em suas diferenças de gênero. Haja vista, que as mulheres deveriam ser educadas para o lar, família e servidão, assim destacado:

Uma vez demonstrado que o homem e a mulher não devem ser constituídos da mesma maneira, nem de caráter nem de temperamento, segue-se que não devem receber a mesma educação. Seguindo as diretrizes da natureza, devem agir de acordo, mas não devem fazer as mesmas coisas: o fim dos trabalhos é o mesmo, mas os trabalhos são diferentes, e por conseguinte os gostos que os dirigem. [...] toda a educação das mulheres deve ser relativa ao homem. Serem úteis, serem agradáveis a eles e honradas, educá-los jovens, cuidar deles grandes, aconselhá-los, consolá-los, torna-lhes a vida mais agradável e doce; eis os deveres das mulheres em todos os tempos e o que lhes devemos ensinar já na sua infância. (Rousseau, 1979, p. 310-312)

Percebe-se, o que está destinado às mulheres, instruir as crianças, visto que, ele defendia totalmente a presença da mulher nessa tarefa árdua para os homens, porém comum às mulheres. Para este filósofo, era de extrema importância para a formação da criança, em seu caráter humano da convivência com o sexo feminino (Rousseau, 1979). Tais vivências se fazem necessários para que as crianças desenvolvam habilidades conceituais dentro da razão, a lucidez social, e tenham um pensamento concreto e equilibrado quando adulto, como nota-se no trecho destacado a seguir:

A educação primeira é a que mais importa, e essa primeira educação cabe incontestavelmente às mulheres: se o Autor da natureza tivesse querido que pertencesse aos homens, ter-lhes-ia dado leite para alimentarem as crianças. Falai, portanto, às mulheres, de preferência em vossos tratados de educação; pois além de terem a possibilidade de para isso atentar mais de perto que os homens, e de nisso influir cada vez mais, o êxito às interessa também muito

mais, porquanto em sua maioria as viúvas se acham quase à mercê de seus filhos e que sente contra o choque das opiniões humanas. (Rousseau, 1995, p. 9-10).

Vale destacar, que o seu pensamento de educação vai para além da formação de homens e mulheres. Deste modo, é oportuno uma breve nota sobre a epígrafe que abre este trabalho e que vem ao encontro da citação acima, pois Rousseau (1995) no conjunto de sua obra, demonstra preocupação com a formação de *Emílio* que transcende o ato pedagógico e se insere no ato político, deixando nas entrelinhas, a formação para a cidadania.

Assim, seus inscritos demonstram denúncia e oposição à organização política vigente da época, o que resultou em uma das grandes obras – O Contrato Social, no qual diz: “[...] A ordem social é um direito sagrado que serve de base a todos os outros. Tal direito, no entanto, não se origina da natureza: funda-se, portanto, em convenções.” (Rousseau, 1978, p.22). Nessa linha de pensamento, no seu contrato social, fica posta a sua teoria de como deveria ser a formação social do ser humano, deixando claro a defesa de uma ordem social que assegure a liberdade, a igualdade civil e a autonomia dos homens. Rousseau afirma que, “Elas devem aprender muitas coisas, mas apenas aquelas que lhes convém saber” (Rousseau, 2004, p.526). Ou seja, segundo ele, as mulheres competem apenas por cuidados voltados aos caprichos do lar, família, esposo e filhos.

A partir dessas primeiras incursões teórica, já apresenta indícios de que o pensamento rousseauiano compreende a educação dos homens, mas, também, está contida a educação das mulheres, mas não de forma política e participativa na sociedade, embora pregasse a igualdade, mas não se estendia para a igualdade de gêneros. Vale dizer, que o pensamento desse autor, não rompe com que já vinha sendo pregado quanto educação para mulher nos séculos anteriores, XV a XVII, onde, ela, era considerada inferior aos homens, submissa, e, portanto, de extrema fragilidade estando à margem de uma sociedade dominadora e patriarcal. Enquanto na perspectiva rousseauiana, a educação da mulher está ancorada na educação do homem, mas não para inferiorizá-la, mas trazê-la para a sociedade como uma peça importante para o seu funcionamento (Proença, 2017).

Com base nesse contexto, Rousseau propõe que, essa mesma mulher seja exclusivamente responsável pela educação das crianças pequenas, que ele chama de primeira educação.

A educação primeira é a que mais importa, e essa primeira educação cabe incontestavelmente às mulheres: se o Autor da natureza tivesse querido que pertencesse aos homens, ter-lhes-ia dado leite para alimentarem as crianças.

Falai, portanto, às mulheres, de preferência em vossos tratados de educação (Rousseau, 1995, p. 9).

Quanto à instrução das crianças, Rousseau defende que seja a mulher a responsável por essa tarefa. Sendo fundamental para a formação dessa criança o convívio com a mulher/mãe e seus cuidados, fortalecendo o caráter humano enquanto ainda criança com propósito de formação de um humano melhor quando adulto. “Quanta ternura e preocupação ela não deve ter para manter a união da família! ” (Rousseau, 2004, p.521). Tais conhecimentos se fazem necessários para que as crianças desenvolvam habilidades conceituais dentro da razão e lucidez social para que possam formar um pensamento concreto e equilibrado quando adulto.

Rousseau aborda que para além das desigualdades sociais o ser humano se depara com as modificações naturais e biológicas que nos deparamos no decorrer da vida. Para melhor compreensão, o genebrino traz uma fala em o “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens”, criticando que:

Eu concebo na espécie humana duas espécies de desigualdades: uma que chamo natural ou física, porque foi estabelecida pela Natureza e que consiste na diferença das idades, da saúde, das forças corporais e das qualidades do espírito ou da alma; outra, a que se pode chamar de desigualdade moral ou política, pois que depende de uma espécie de convenção e foi estabelecida, ou ao menos autorizada, pelo consentimento dos homens. Consiste esta nos diferentes privilégios desfrutados por alguns em prejuízo dos demais, como o de serem mais ricos, mais respeitados, mais poderosos que estes, ou mesmo mais obedecidos. (Rousseau, 2002, p.143)

Sabendo que a sociedade dominante daquele período se posicionava de forma controladora e autoritária, desvalorizando as crianças e as mulheres, afirmando que são seres à base de sentimentos, que não tem capacidades intelectuais para liderar e principalmente estar ativamente na vida cívica. Rousseau não se preocupava com a opinião da sociedade, pelo contrário ele dizia sua obra, “*Nos Devaneios do caminhante solitário*”, eu não escrevo meus devaneios senão para mim. ” (Rousseau, 2018, p25)

Enquanto continuidade, atualmente, encontra-se presente a gênese de seu pensamento na atuação da mulher na sociedade, ou seja, ainda repercute na atualidade quando se fala do lugar de ocupação dessa mulher no contexto da política, na escolha da formação profissional, no papel da educação e no processo de formação e de cuidados da primeira infância.

Diante do exposto, Proença (2017) faz a seguinte ressalva:

Ao falarmos da educação da mulher para Rousseau, precisamos ter bem claro que isso é referido a um tipo específico de classe social, a qual teria condições de ter uma educação e uma formação moral e honrosa, visto que a classe mais humilde trabalhava para manter a riqueza da nobreza e muitas

eram amas, as quais não são consideradas na educação feminina proposta por Rousseau. (Proença, 2017, p.12)

Daí a relevância desse estudo como resgate da educação de Rousseau para curso de pedagogia, no que se refere a ação pedagógica no trato com as crianças da Educação Infantil, e, ainda, sendo um curso predominantemente feminino, e tendo como referência este filósofo para os estudos sobre educação infantil, pouco se fala, neste curso, que ele tenha pensado somente na educação para o homem, sendo que a educação da mulher, permaneceria conforme os ordenamentos sociais da época, assim como seu papel político na sociedade, continuaria sem o direito de cidadã.

Trazendo para atualidade, sabemos que a educação é um direito de todos, assim de acordo com nossa Constituição Federal de 1988 vemos que,

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Ficando claro que não existe distinção de gênero na Constituição Federal de 1988. No entanto, de acordo com ela, vemos que a educação é para qualificação do trabalho. O que de fato reafirma a desigualdade entre homens e mulheres e classes sociais. No campo do trabalho, ao compararmos o salário entre os gêneros, o primeiro recebe remuneração bem mais vantajosa que o segundo. Em relação à formação acadêmica a mulher se destaca, porém, no que diz respeito às experiências o homem recebe mais oportunidades, com isso o resultado ao longo do processo permanece a desvalorização da figura feminina.

1.1 Metodologia

Nesse sentido, nós apoiamos nos escritos clássicos de Rousseau, a saber: Emílio ou da Educação, Contrato Social e A origem da desigualdade entre os homens, entre outros artigos pertinentes para a construção deste trabalho, os elementos para compreender como é idealizada a formação dessa mulher numa sociedade onde ela não era vista como um ser político de direito e que reverbera até na atualidade.

Destarte, é uma pesquisa de caráter bibliográfico das principais obras de Jean Jacques Rousseau, das quais partiremos para analisar o ideário de Rousseau sobre a educação e a relação com sua visão sobre a formação das mulheres, tendo, portanto, Rousseau como interlocutor principal. Para tanto, organizamos o estudo a partir das seguintes categorias: educação e

mulheres, buscando identificar e caracterizar o percurso do pensamento de Rousseau no período do Iluminismo e sua influência na atualidade.

Assim, o presente artigo é de natureza qualitativa, de acordo com Brandão (2001),

A pesquisa qualitativa [...] está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.), em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa. (Brandão, 2001, p.13)

Com isso, a pesquisa se torna uma análise, uma busca por conceitos construídos pelo filósofo juntamente com uma interpretação da perspectiva que a sociedade produziu no período histórico vivido por ele. Para Oliveira et al. (2020, p. 02), “[...] uma pesquisa de natureza qualitativa busca dar respostas a questões particulares, específicas, que precisam de elucidações mais analíticas e descritivas”.

Nesse sentido, o método que adotamos é análise de conteúdo, opção essa que possibilita um estudo aprofundado sobre o pensamento deste filósofo iluminista, buscando dialogar com os principais conceitos. Para Bardin (2011) a análise de conteúdo por meio a uma investigação tem como objetivo construir e apresentar concepções em torno do objeto de estudo de forma rigorosa, contribuindo com a descrição e interpretação do conteúdo da pesquisa, submetidos a um processo de categorização, a saber: educação para mulher; mulher como educadora da criança pequena e mulher como agente de direitos. A análise do material coletado segue um processo rigoroso frente às fases definidas por Bardin (2011), como: Pré-análise; Exploração do material e Tratamento dos resultados.

Para efeito metodológico, este trabalho está estruturado em três partes: a primeira, intitulado Jean Jacques Rousseau: vida e obra, tem como objetivo de contextualizar o tempo histórico no qual Rousseau viveu e produziu, bem como, demonstrar, através de sua história, o papel das mulheres que passaram em sua vida. Segunda parte, trata o pensamento dele sobre a organização social e a educação. A terceira parte, a educação a partir do pensamento de Rousseau que idealiza uma educação perfeita para homens e uma educação restrita para mulheres. De forma a elucidar de como deveria acontecer a educação das mulheres no século XVIII.

2. **Jean Jacques Rousseau: vida e obra.**

Para uma melhor contextualização e compreensão sobre alguns dos principais trabalhos e de sua trajetória de vida, Jean Jacques Rousseau, foi um importante filósofo, teórico político,

escritor, compositor e autodidata genebrino, considerado um dos principais filósofos do iluminismo e precursor do romantismo.

Nascido em 28 de junho de 1712, Genebra – Suíça, faleceu em 2 de julho de 1778, Ermenonville - França aos 66 (sessenta e seis) anos. Órfão de mãe após 9 (nove) dias de seu nascimento, cujo motivo foi de infecção puerperal (infecção de parto), cresceu com seu pai e sua tia materna. Inicialmente seu pai, um modesto relojoeiro protestante, não o colocou em uma instituição educacional, mas lia com frequência histórias escritas por sua mãe, vindo daí seu desejo pela escrita. No ano de 1.722 seu pai veio a falecer. Com isso passa a viver sob os cuidados de seu outro tio materno, Bernard. Juntamente com seu tio, um pastor protestante, no ano de 1.724, com 12 anos ele inicia seus estudos, mais a frente inicia seus primeiros discursos com base nessa concepção religiosa, importante ressaltar que foi através de seu tio que teve início aos conhecimentos educacionais, anteriormente quando morava com seu pai ainda não havia frequentado a escola (Silva, 1999).

Após uma infância fragilizada regada com muitas perdas, sem a presença de sua mãe e a morte de seu pai enquanto ainda criança, ele desenvolveu em sua adolescência/juventude um comportamento desvirtuado, frente aos costumes religiosos que havia sido criado com seu tio, suas atitudes se demonstravam ser fora dos conceitos religiosos (Silva, 1999).

No ano de 1.728 Rousseau foi para a Savóia, na Itália, onde conheceu uma instituição católica e atraído pelos conceitos e conhecimentos da religião que se converte ao catolicismo. Neste mesmo período conhece a Madame de Varcelli, que passa a ser sua protetora e mantenedora de suas despesas financeiras.

Entre os anos de 1.732 e 1.740 Rousseau esteve pela França, quando conheceu e viveu sob os cuidados de Madame de Warens. Rousseau demonstrava ser um homem de muitas aventuras, dado aos prazeres e uma vida boêmia. “Só posso meditar caminhando; assim que paro, não penso mais, e minha cabeça só anda com os pés” (Rousseau, 1959, v. II, p. 210), aqui se declara ser um homem que não se deleita na tranquilidade e na paz e sim nas aventuras.

Em 1.742, após a morte de sua protetora Madame Warens, ele residia na cidade de Paris, foi neste momento que conhece mais uma de suas muitas protetoras que o tira das ruínas, pois vivia quase como um mendigo neste período. Uma mudança memorável, pois, agora é indicado como secretário do Embaixador da França, em Veneza. Foi nessa posição social e política que ao observar as falhas do Governo de Veneza passou a dedicar-se aos estudos e à compreensão da política.

Rousseau escolheu viver de maneira paradoxal, ou seja, ele decidiu confrontar as regras impostas pela alta sociedade e de maneira contraditória ele impõe suas ideias, pensamentos, críticas e pesquisas sociais e políticas.

Segundo Rousseau (2005, 53), “não se devem considerar as pesquisas em que se pode entrar nesse assunto como verdades históricas, mas somente como raciocínios hipotéticos e condicionais”. Neste sentido o próprio filósofo se coloca como uma verdade hipotética, seus estudos, pesquisas, discursos que não são considerados fatos históricos da civilização se tornam fatos hipotéticos vindo de seus contos, sermões, arte, discursos e observação da sociedade.

No entanto podemos averiguar que o conhecimento existe em duas vertentes e de acordo com Lakatos e Marconi,

O conhecimento empírico, popular ou vulgar é transmitido de geração em geração por meio da educação informal e baseado na imitação e na experiência pessoal. O conhecimento científico é aquele conhecimento obtido de modo racional, conduzido por meio de procedimentos científicos. Visa explicar "como" é a razão pela qual os fenômenos ocorrem. O conhecimento vulgar ou popular, também chamado de senso comum, não se distingue do conhecimento nem pela veracidade, nem pela natureza do objeto conhecido. O que diferencia é a forma, o modo ou o método e os instrumentos do conhecer. (Lakatos e Marcone, 1991, p.13)

Com isso vemos que segundo Ferrari (1982, p. 8), ciência “é um conjunto de atitudes e atividades racionais, dirigidas ao sistemático conhecimento com objeto limitado, capaz de ser submetido à verificação”. Mesmo que todo conjunto de conhecimento produzido por Jean Jacques Rousseau por mais que tenha sido considerado um conhecimento hipotético, podemos afirmar que é digno de reconhecimento como um saber científico.

Voltando para a linha do tempo, na primavera de 1778, Rousseau deixa Paris pela última vez, atendendo a um convite do Marquês d’Girardim, e instala-se com sua esposa Thérèse em Ermenonville. Morreu inesperadamente no dia dois de julho, com sessenta e seis anos de idade.

Algumas principais obras, conforme descrito por Soëtard (2010), são:

- *Discurso Sobre as Ciências e as Artes* (1750) - ensaios
- *Discurso Sobre a Origem da Desigualdade Entre os Homens* (1755) - ensaio
- *Júlia ou a Nova Heloísa* (1761) - romance epistolar
- *Do Contrato Social* (1762) - obra sobre política.
- *Emílio, ou da Educação* (1762) - obra sobre educação
- *Rousseau, juiz de Jean-Jacques* (1776) - diálogos

- *Os Devaneios de um Caminhante Solitário* (1782) - autobiografia
- *Confissões - Parte I* (1782) - autobiografia
- *Confissões - Parte II* (1789) - autobiografia

Destas obras destaca-se: *Do contrato Social*, livro publicado em 1762, sendo depois uma inspiração para a Revolução Francesa, influenciando o liberalismo político e os princípios postos nele: Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Tal inspiração, sugere ele que: “A passagem do estado natural ao estado civil produziu no homem uma mudança considerável, substituindo em sua conduta a justiça ao instinto, e imprimindo às suas ações a moralidade que anteriormente lhes faltava” (Rousseau, 1999, p.33).

Vale ressaltar que, em seu livro *Do Contrato Social* (1978) e *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (1991), trazem indicativos de que as mesmas regras que organizam o homem na sociedade o aprisionam. É necessário que esse homem se mantenha dentro das regras contratuais de uma sociedade civil, deixando assim de ser um homem livre e natural/selvagem para ser um homem culto que segue as regras de uma sociedade que preza o bem comum.

Para Rousseau o homem selvagem que vivia sem regras, preocupado somente com a caça para a sua alimentação, a segurança para se manter vivo e a prosperar sua espécie. Este homem que se igualava aos animais por não usar de conhecimento racional e sim instintivo e animal, este mesmo homem com todas essas características grotescas é considerado um homem feliz.

Após o agrupamento desses homens, a criação de contratos sociais, cada vez mais o homem se torna civilizado, competitivo, egoísta, mal, e com todas as características que o corrompe a cada dia.

Por isso, de forma lúcida, mas também hipotético e utópico, reverbera no seu pensamento sobre a democracia, posto no livro *O Contrato Social*, quando afirma que cabe o poder ser submetido a vontade do povo, pois este expressa a vontade geral dos indivíduos, os quais expressam os seus interesses. Ou seja, é o povo que tem a soberania e que concede ao Estado de executar a sua vontade. Visto que, na legitimidade do pensamento democrático de Rousseau, o soberano precisa contemplar a vontade comum de todas as vontades particulares, pois “[...] a soberania não pode ser representada pela mesma razão por que não pode ser alienada; consiste essencialmente na vontade geral e a vontade absolutamente não se representa. É ela mesma ou é outra, não há meio termo [...]” (Rousseau, 1978, p.35).

Além disso, Rousseau, pregava um pacto de uma sociedade igualitária que tem como base uma ordem política que predomina o interesse comum, o que é hipotético, dada as condições históricas da época e, até os dias atuais, pode-se inferir, que é um valor quase impossível de ser alcançada dadas as condições sociais do atual sistema capitalista que se vive atualmente.

3. Organização social e a educação no pensamento de Rousseau

Ao interpretar a sociedade como um organismo de corrupção, Rousseau precisou ter uma ampla visão política crítica e da sociedade do período histórico de sua época. A obra *Contrato Social*, vem abordar a busca de um bem-estar comum entre a sociedade e para isso o indivíduo precisa renunciar ao seu interesse ímpar para lutar por um bem comum, essa visão não seria algo de plena aceitação. Porém, as suas ideias revolucionárias sobre o compromisso com a liberdade individual, igualdade social, natureza humana, moldam o pensamento político, educacional e moralidade que vai influenciar os ideais da Revolução Francesa.

Ademais, é importante considerar que quando esteve em Veneza, e se dedicava aos estudos e à compreensão da política desenvolveu uma de suas mais impactante obra, “O Contrato Social” que se funda no estado de superação, pois assim cooperando o homem viveria melhor e logo surge o princípio normativo que vem depois do contrato social, que é um guia que avalia o comportamento do homem pois ele que toma decisões coletivas, dentro deste princípio destaca-se a vontade geral, que pode dirigir as forças do Estado segundo fim pelo qual foi instituído, isto é, o bem comum.

Com isso no contrato social a vontade geral é que mais importa, pois enquanto a vontade particular tem sempre como objetivo interesse privado, a vontade geral é, ao contrário amante do bem comum e se propõe ao bem comum, não é a soma das vontades de todos os componentes, mas uma renúncia de cada um dos próprios interesses (Rousseau, 1978).

É relevante pontuar que, no livro *Do Contrato Social*, Rousseau, exclui a mulher de sua teoria dos contratos sociais, afinal apenas os homens eram ativos no meio social. Para Pateman (1993), a mulher foi excluída mediante um pacto anterior, denominado pela autora de o “contrato original”, que “[...] cria duas situações diferenciadas, a liberdade e a dominação”. A liberdade do homem e a sujeição da mulher” (idem, p. 17). Para esta autora, ao analisar os autores contratualistas (Locke e Rousseau), exceto Hobbes, diz que para eles a diferença sexual é a diferença entre liberdade e sujeição.

“As mulheres são objeto do contrato” (Pateman, 1993, p. 23). De maneira que essas mulheres continuam sendo objetos sujeitos às delimitações de contratos firmados por homens com interesses dominadores e políticos. Rousseau (2002, p.33) diz, “Quem faz a lei sabe melhor que ninguém como deve ser ela executada e interpretada. ” A intenção dessa frase seria uma conjuntura perfeita para quem governa, no entanto como interpretou Rousseau seria um governo onde o próprio legislador executaria, não sendo assim um governo democrático, pois chegaria um momento em que o legislador executaria apenas decisões favoráveis a ele. Mas voltando para o pacto sexual, os contratos eram idealizados por homens e executados pelos homens, colocando as mulheres apenas como meros objetos de transação contratual. Nada os impediu de agir com a mesma voracidade com as mulheres dentro do lar.

Assim, os contratos vão se constituindo e virando leis e decretos e o Estado, que é regido por homens, se responsabiliza para que essas medidas sejam cumpridas à risca (Pateman, 1993, p. 23). Abrindo um parêntese apenas para fazer um adendo, seria por isso que o salário do docente é tão desvalorizado, por ser uma profissão predominantemente feminina.

Em *O Contrato Social*, Rousseau, traz a ideia sobre um Estado Democrático, que incorpora o pensamento sobre a estruturação do pacto social entre os homens (Rousseau, 1978). Esse pacto delimita o estado natural e o civil do homem,

A passagem do estado natural ao estado civil produziu no homem uma mudança considerável, substituindo em sua conduta a justiça ao instinto, e imprimindo às suas ações a moralidade que anteriormente lhes faltava (Rousseau, 2002, p)

Desse modo o homem não mais teria ações instintivas, mas suas ações seriam regidas pela justiça e pela lei. Nesse sentido, importante refletir sobre o conceito de democracia, que para Ramayana (2005)

A democracia pode ser conceituada como governo em que o povo exerce, de fato e de direito, a soberania popular, dignificando uma sociedade livre, onde o fator preponderante é a influência popular no governo de um Estado. Origem etimológica: demos = povo e kratos = poder. (Ramayana, 2005, p. 25)

Advindo de toda essa confusão a organização da sociedade um contrato social para amenizar as diferenças por meio do qual prevalece a soberania da sociedade, a soberania política da vontade coletiva do povo e não do governo.

Em seu estado natural as lutas entre os homens seriam pela sobrevivência e autopreservação de sua prole, no entanto com a civilização essa organização social se daria em um bem comum a todos da comunidade. De maneira que ao abandonar o estado natural, o homem perde a sua autonomia de homem livre, mas alcança uma forma de liberdade superior

e elevada tornando-se a um cidadão civil e tendo a oportunidade de aprimorar seus conhecimentos, desenvolvendo-se como ser capaz de criticar, raciocinar, analisar e melhorar com potencialidade. Um cidadão com direitos democráticos. Rousseau (2022) diz que, a virtude não é possível no estado de natureza, uma vez que apenas envolvido na sociedade os homens podem ter consciência de elementos morais.

Ora, como é impossível aos homens engendrar novas forças, mas apenas unir e dirigir as existentes, não lhes resta outro meio, para se conservarem, senão formando, por agregação, uma soma de forças que possa arrastá-los sobre a resistência, pô-los em movimento por um único móbil e fazê-los agir de comum acordo. (2022, p.09)

Ciriza (2006) traz importante assertiva, que contribui para análise deste trabalho, sobre o estado da natureza, assim diz:

[...] Embora no estado de natureza haja tanto homens quanto mulheres, o indivíduo masculino será educado sobre o ideal do homem natural. Já para as mulheres, a saída do estado de natureza tem consequências irreparáveis. O trânsito pelo estado pré-social as despojou de força e ferocidade, ligando-as ao espaço doméstico de forma definitiva. Se para o indivíduo masculino, o sujeito político do contrato, o círculo se inicia no estado de natureza para culminar no ingresso à ordem política após a sua educação como homem e cidadão, para a mulher o estado de natureza, única liberdade que conhecerá como fêmea errante, deixa espaço para a reclusão doméstica que já não haverá de abandonar (CIRIZA, 2006, p. 96).

Rousseau (2004) discute a desigualdade entre os homens, ele diz que o ideal seria se todos os homens tivessem as mesmas oportunidades, a mesma igualdade como um ponto fundamental para se ter uma boa sociedade onde os direitos e deveres seriam sinônimos para a liberdade. Ao dizer isso ele se refere a uma vida social, bens financeiros. No entanto, em Rousseau quando se lê a palavra homem está afirmando categoricamente o gênero masculino.

Quando se trata de gênero feminino Rousseau age de forma displicente, e ao tentar propor uma igualdade entre os sexos ele menciona,

Em tudo o que não depende do sexo a mulher é homem: têm os mesmos órgãos, as mesmas necessidades, as mesmas faculdades; a máquina é construída da mesma maneira, peças são as mesmas. O funcionamento de uma é o mesmo da outra, a figura é semelhante, e, sob qualquer ângulo que os consideremos, só diferem entre si do mais para o menos (Rousseau, 2004, p. 515-516).

Ele continua dizendo, “A única coisa que sabemos com certeza é que tudo o que eles têm em comum pertence à espécie e tudo que têm de diferente pertence ao sexo” (ROUSSEAU, 2004, p. 516). A mulher como fêmea da espécie humana é perfeita em sua magnitude, porém por ser do gênero feminino se torna um potencial de fragilidade e incompetência, pois para

Rousseau a mulher é formada em sentimentos e não na razão. E diante dessa afirmativa de Rousseau às mulheres é ofertada apenas uma educação fragmentada, “Segue daí que ela deve ser educada na ignorância de todas as coisas e limitada unicamente aos trabalhos de casa” (Rousseau, 2004, p.526).

Não estaria aqui Rousseau replicando a desigualdade social? Não seria a educação aquela que proporciona ao indivíduo a oportunidade de melhoria intelectual, financeira e social?

Mais uma vez um discurso se contrapõe a outro, Rousseau discorda de que o homem não deveria viver em sociedade, mas afirma que para a sociedade ter um bom funcionamento os homens deveriam ter todos os mesmos direitos vivendo em um contrato social. Segundo Rousseau, é necessário,

Encontrar uma forma de associação que defenda e proteja contra toda força comum, a pessoa e os bens de cada associado e pela qual cada um, unindo-se a todos, apenas obedeça a si próprio, e se conserve tão livre quanto antes. Rousseau (1973, p. 32)

Além disso, Rousseau (1991) demonstra na obra Discurso sobre a Origem da Desigualdade a sua visão quanto ao princípio de liberdade e democracia, quando afirma que o soberano e o povo pudessem ter um único e o mesmo interesse a fim de que todos pudessem alcançar a felicidade comum, expressando assim sua vontade de nascer num país democrático e moderado e, a liberdade fosse uma caminha para todos conseguirem alcançar. E, ainda acrescenta, que ninguém que estivesse sob o jugo do Estado estivesse acima da lei e ninguém fosse fora dele, pudesse impor alguma coisa, pois todos deveriam partilhar a autoridade e as obediências. Em seguida, diz que procuraria um país no qual o direito de legislar fosse comum a todos os cidadãos.

Rousseau (1991) ainda diz que ao contrário do Estado que preserva os direitos iguais entre soberano e o povo, sendo estes um único ser, se teria a particularidade das instituições e um único homem no poder, em virtude, riqueza e crédito, para legislar o Estado, aí se configura um governo em torno de um monárquico, distanciando-se da forma democrática, ou seja, uns ficaram unicamente submetidos às leis, outros gozaram de bens e teriam ainda outros que deveriam obedecer aos senhores – os súditos.

Essa passagem retrata sua visão quanto a origem da desigualdade e ao mesmo tempo revela seu pensamento em relação a busca de uma sociedade democrática, mesmo sendo uma utopia, igualitária, onde todos os homens tivessem os mesmos direitos, em uma palavra, a desigualdade que engendra na distinção política e civis modificam e alteram todas as

inclinações naturais do homem, pois geram abusos e tiram suas forças, e anulam o estado de natureza. O resultado disso desnuda a desigualdade que “reina em todos os povos policiados, [...] de qualquer maneira que a definamos, que uma criança mande no velho, que um imbecil conduza um homem sábio, ou que um punhado de pessoas nade no supérfluo, enquanto à multidão esfomeada falta o necessário” (Rousseau, 1991, 140-141).

Nessa mesma linha de raciocínio colocamos a figura da mulher e questionamos onde ela estaria posicionada nesse momento? Teria ela direitos igualitários como os homens? Em resposta, sabemos que para aquele período arcaico e patriarcal as mulheres não teriam direito algum.

Vale realçar que, na formação do pacto social, a mulher é um ser submetido naturalmente aos homens, são submetidas a ordem política masculina, tal como está posto no estado natural, o casamento e a família. Rousseau faz clara defesa da ordem civil com base no patriarcalismo, pois na família, é o pai quem comanda, cuja o desenvolvimento das relações sociais estaria contido: as diferenças, dependências e submissão das mulheres aos homens (Pateman, 1993, p. 146-148).

Rousseau em seus escritos paradoxal trata a mulher como um ser de domínio masculino aparece o pensamento de colocar a mulher somente como submissa e/ou inferior, entre um e outro discurso relacionado a mulher, ele as elogiava e tecia comentários onde delimitava seus espaços com ousadia. No romance de Emílio e a Educação, no livro V ele se reporta assim: a mulher como sendo o centro dos encantos, seria onde a mulher teria toda a força e o domínio sobre o homem (Rousseau, 1969).

No entanto, fora desse poderio de seus encantos, as mulheres estariam fadadas aos papéis de filha submissa ao pai (o patriarca), de esposa (sem direito a escolha, quem escolheria seu esposo seria seu o pai), mãe e dona de casa. Uma mulher totalmente sem direitos sociais dentro e fora de casa.

Em outro ponto, Rousseau afirma: “Sofia está instruída dos deveres e direitos de seu sexo e do nosso. Conhece os defeitos dos homens e os vícios das mulheres; conhece também as qualidades, as virtudes contrárias, e tem-nas marcadas no fundo de seu coração” (Rousseau, 1973, p. 467). É de extrema importância ressaltar que havia mulheres que fugiam à regra, às mulheres de elite, as quais, segundo Goodman (2009), tiveram o escape da escrita de cartas, da literatura e dos salões.

Como uma armadilha, usaram da educação para tentar aprisionar ainda mais as mulheres.

Ah! Escolheu a alternativa de as educar como homens e eles o consentiram de bom grado; porque quanto mais as mulheres querem se parecer com os homens, menos elas os governarão e, então, eles serão realmente seus mestres. (Rousseau, 1969, 701)

Com a intenção de domínio total sobre as mulheres foi concedido o direito à educação. Foi aí que a armadilha pegou o caçador e a presa recebeu o início de sua liberdade.

Como mulher que sou, cabe a mim ressaltar que a força de uma mulher jamais está atrelada a sua beleza, sensualidade e/ou ousadia. No entanto, afirmo e reforço que a educação é a maior das armas que uma mulher pode adquirir, pois ela nos proporciona a expertise da autonomia,

Nascemos fracos, precisamos de força, nascemos desprovidos de tudo; temos necessidade de assistência; nascemos estúpidos; precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos ser adultos, é nos dado pela educação. (Rousseau, 1995, p. 10)

Quanto a figura da mulher de que ela seria importante para o bom funcionamento da sociedade? Para a teoria rousseauniana a mulher seria como uma engrenagem social onde ficaria no interior de seu lar, com a organização dos afazeres domésticos e os cuidados das crianças pequenas. De acordo com Gina Lombroso, na década de 20, resalta que “a verdade é que as mulheres não se interessam pela política, principalmente as mulheres de família, muito ocupadas e preocupadas em distrair suas crianças” (Lombroso, 1929, p. 73).

Não faço minha as palavras de Lombroso, afinal é através do conhecimento da política que faço valer os direitos conquistados e os a conquistar.

Infelizmente, esta é a realidade de muitas mulheres tanto daquele período do século XVIII quanto dos dias atuais. A voz autoritária da figura patriarcal contribui para que essa mulher tenha uma formação voltada para a vocação dos cuidados do lar e o zelo com as crianças, portanto, inevitavelmente é o que está posto na própria lei da natureza, reescrita pelo homem.

4. O pensamento rousseauniano na educação das mulheres no século XVIII.

Rousseau defende a importância da educação para a criança desde bem pequena. Ele resalta que a compreensão do saber não se dá na institucionalização do indivíduo muito menos em projetos, em leis ou em regras sociais e sim na formação do caráter desse indivíduo que se dá ao longo de toda sua vida. A criança desde o momento de seu nascimento até a sua morte ela passa pela compreensão de diferentes saberes. Educação essa que se forma ao longo de toda uma vida familiar, social, de interação com o meio natural e com as coisas. Uma mistura de

saberes, de culturas, de crenças religiosas e políticas que formam o homem em seu caráter emocional, físico e profissional.

Rousseau remete à educação infantil como primeira educação, e ainda se refere como sendo de extrema importância que se tenha zelo por essa fase da educação infantil. E ainda mais ele tenta blindar essa educação tentando proteger as crianças pequenas das influências do mundo externo. “O homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe”, essa frase afirma que o ser humano em sua inocência, em seu estado natural ele é bom, porém ao decorrer do seu crescimento com as interferências da sociedade, as influências, as pressões do mundo externo, os julgamentos, as cobranças, aos poucos vão transformando esse mesmo ser humano em alguém supostamente corrupto e/ou mal.

Nascemos fracos, precisamos de força, nascemos desprovidos de tudo; temos necessidade de assistência; nascemos estúpidos; precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos ser adultos, é nos dados pela educação. (Rousseau, 1995, p. 10).

A defesa que Rousseau levanta vai além das interferências sociais externas, ele ainda faz uma afirmação de que o ideal para essas crianças é que sejam cuidadas por suas mães, mulheres com vivências, praticamente exclusivas no lar. Tais cuidados farão com que essas crianças cresçam com mais amor, com crenças, cultura, de forma que tais cuidados auxiliam na moldagem do caráter emocional e social formando cidadãos melhores já que o poder político está interessado somente no que se refere às leis e a ordem social. Segundo Rousseau, a lei se preocupa em manter a paz e a ordem enquanto a família se objetiva a oferecer uma educação vinculada à mãe, assim o filho terá uma instrução de liberdade junto à natureza, ao lar, podendo amanhã ser tornar um cidadão de bem.

A educação primeira é a que mais importa, e essa primeira educação cabe incontestavelmente às mulheres: se o Autor da natureza tivesse querido que pertencesse aos homens, ter-lhes-ia dado leite para alimentarem as crianças. Falai, portanto, às mulheres, de preferência em vossos tratados de educação; pois além de terem a possibilidade de para isso atentar mais de perto que os homens, e de nisso influir cada vez mais, o êxito às interessa também muito mais, porquanto em sua maioria as viúvas se acham quase à mercê de seus filhos e que sente contra o choque das opiniões humanas. (Rousseau, 1995, p. 9-10).

Essa importância que Rousseau dá a mulher, mãe e educadora não se trata de amorosidade ou reconhecimento pelos serviços prestados das mulheres, e sim ao observar a sociedade e perceber que os homens sociais precisam crescer de forma mais forte e capazes de enfrentar as batalhas sociais e políticas com estrutura mais resistente e tais conceitos eles encontrariam aos cuidados das mulheres que os alimentava, protegia, e ensinava com maestria.

Diante do que já foi dito, Rousseau mesmo ilustra que “Sofia está instruída dos deveres e direitos de seu sexo e do nosso. Conhece os defeitos dos homens e os vícios das mulheres; conhece também as qualidades, as virtudes contrárias, e tem-nas marcadas no fundo de seu coração” (Rousseau, 1973, p. 467). Ao observar a sociedade ele mesmo faz a afirmativa de que somente as mulheres são capazes de interpretar a sociedade e ver a sua real necessidade.

Em outro momento, Rousseau tece um “elogio” quando se refere às mulheres guerreiras de Esparta e Roma, que estavam em batalha, como um pequeno fragmento ele ressalta no início de Emílio, sobre a mulher que louvará a vitória, mesmo tendo seus cinco filhos mortos na batalha. “Eis a cidadã”, diz Rousseau (1973, p. 13) enfaticamente. Como foram fortes tais mulheres que mesmo sentindo as dores da perda de seus filhos seguiram adiante, por amor à pátria, lutando e com um final esplendoroso venceram a guerra que lhe fora confiada.

Assim tem sido, nos dias contemporâneos, batalhas de mulheres educadoras que se desdobram com os afazeres domésticos, com sua própria formação e capacitação pedagógica para assim oferecer o melhor às crianças em idade escolar. Sem falar que muitas mulheres se dedicam na educação de seus próprios filhos, no sustento do lar, no auxílio de algum parente, ou tem jornada de trabalho duplicada para conseguir obter um salário melhor.

É importante ressaltar que essa mulher tem ocupado na atualidade lugares onde anteriormente homens dominavam, no entanto Rousseau afirmou em seu discurso sobre a visão da família patriarcal da economia política, ao comentar que: “o pai deve comandar a família” (Rousseau, 1964, p. 242). O que dizer às mulheres contemporâneas? Que tem fugido dos preceitos, tem desbravado territórios, tem vencido batalhas e mesmo assim não tem recebido a recompensa merecida?

Na fala de Rousseau onde ele se refere a Sofia, como a mulher perfeita e idealizada para Emílio, em sua peculiaridade feminina, não exige dela muita formação, pois a própria essência de ser mulher já se destaca na nobreza do conhecimento. Em se tratando dos dias atuais, no campo dos direitos civis, no *modus operandi* do sistema capitalista, as mulheres conseguiram conquistar o seu espaço no campo político, em termos do direito ao voto, com participação de escolha de seus representantes, até mesmo conquistando o direito de se participar da disputa política, mesmo ainda de forma tímida, tal como demonstra o perfil eleitoral do ano de 2022, disponível no site do Tribunal Superior Eleitoral.



Fonte: Perfil do eleitorado / TSE. Disponível em: <https://sig.tse.jus.br/ords/dwapr/r/seai/sig-eleicao-eleitorado/painel-perfil-eleitorado?clear=17&session=309087370739387>

Vemos uma conquista, um passo revolucionário as mulheres, por outro lado, ainda persistem a desigualdade de gênero, visto que os indicadores do IBGE (2022), demonstram que 53% do eleitorado é feminino e apenas 34% estão disputando cargos eletivos na eleição selecionada, em todo território nacional brasileiro para o ano de 2024.

Importante ressaltar que mesmo com alguns avanços, nós mulheres devemos unir forças para continuar, vejamos o comentário do jurista Luís Roberto Barroso,

Mas também tivemos um aumento nos ataques físicos ou morais a mulheres candidatas. Esse tipo de agressão a mulheres é pior que machismo, é covardia. Precisamos de mais mulheres na política e, portanto, precisamos enfrentar essa cultura do atraso, da discriminação, do preconceito e da desqualificação, destacou Barroso (2020, online).

Mesmo havendo um crescimento no referido ano eleitoral os números demonstram que, 651 prefeitas (12,1%), contra 4.750 prefeitos (87,9%). Já para as câmaras municipais, foram 9.196 vereadoras eleitas (16%), contra 48.265 vereadores (84%) em sua totalidade de 52% do eleitorado geral é mulher.

Ao lado desta questão, tem-se ainda a questão relacionada ao rendimento, que em certa medida, as diferenças estão não apenas entre homens e mulheres, mas também entre as próprias mulheres. Para se ter uma ideia sobre a estatística de gênero, veja a matéria disponível na página do IBGE educa crianças, notícia, sobre uma pesquisa realizada pelo IBGE, que mostra sobre o panorama educacional e trabalhista das mulheres brasileiras, assim retratado:

As estatísticas mostram que as mulheres tentam conciliar, de modo ainda desigual, os afazeres domésticos e cuidados de pessoas com trabalho remunerado. Em muitos casos, elas só conseguem empregos que ocupem menos horas durante a semana. Em 2022, 28,0% das mulheres estavam ocupadas (ou seja, trabalhando) em tempo parcial (de até 30 horas semanais), quase o dobro (14,4%) do verificado para os homens. A taxa de participação

das mulheres no mercado de trabalho foi de 53,3% enquanto a dos homens foi bem maior: 73,2%. (Brasil, 2024, online¹)

Diante do exposto, vale dizer que a mulher contemporânea é vista como um sujeito de “direitos”, porém direitos esses que são seguidos com muitos deveres como por exemplo o de cuidar de todas as obrigações da casa, porque é tarefa da mulher os afazeres domésticos. A mulher deve cuidar das crianças como já foi dito, se não fosse assim o Criador não teria a feito para amamentar os filhos. Cuidar da educação dos filhos, pois estando em casa a educação dos filhos é de responsabilidade da mulher. E com as dificuldades financeiras a mulher se vê na obrigatoriedade de sair para trabalhar para poder ajudar o esposo com as despesas financeiras e o sustento da família.

Como uma forma de punição tais direitos ainda deixam o peso das obrigações sobre as mulheres. Já ouvi vários comentários de homens e até mesmo de mulheres que dizem que: - Lugar de mulher é em casa; está cansada, está reclamando, por quê? Você mesma que escolheu ir trabalhar fora! Outras mais ofensivas como: Quer luxo então vai trabalhar, mas quando eu chegar quero a minha mulher pronta para me servir.

Acredito que poucos têm o conhecimento do Contrato Sexual, Carole Pateman descreve com clareza a,

A história do contrato sexual também trata da gênese do direito político e explica por que o exercício desse direito é legitimado; porém, essa história trata o direito político enquanto direito patriarcal ou instância do sexual - o poder que os homens exercem sobre as mulheres. A metade perdida da história conta como uma forma caracteristicamente moderna de patriarcado se estabelece. A nova sociedade civil criada através do contrato original é uma ordem social patriarcal (Pateman, 1993, 16).

Ao certo esses direitos conquistados para as mulheres não sei se foram lucrativos, pois conseguimos mais trabalhos, menos reconhecimento e para todo fim de frase de uma sociedade machista e/ou patriarcal se dirigem às mulheres de forma grosseira e ofensiva. Fica a questão milenar, mas você foi nascer mulher então tem que ser submissa, carinhosa, amável, dócil porque você é a parte mais frágil.

Perceba que ao lado dessas ponderações sobre o direito e o contrato sexual tratado por Pateman, tem-se uma forte ligação com o pensamento de Rousseau sobre as mulheres no que concerne aos direitos e deveres. Vale lembrar sobre o trabalho de educar as crianças que era

¹ Para saber mais sobre Mulheres brasileiras na educação e no trabalho acesse o site IBGE EDUCA CRIANÇAS. Disponível em: Mulheres brasileiras na educação e no trabalho. Acessado em: 02/10/2024.

destinado as mulheres, a primeira educação, descrita por Rousseau, idealizado e sugerida por ele que fosse ofertada pelas mulheres, “A educação primeira é a que mais importa e essa primeira educação cabe incontestavelmente às mulheres” (Rousseau, 1999, p.433).

Este fragmento nos afirma que essa educação, proposta por Rousseau seria voltada para os cuidados básicos da criança pequena, a higienização, alimentação, aprender a andar, falar, reconhecer-se como parte da família, da sociedade, e ter como base de formação para uma vida adulta centrada, receber dessa mãe uma orientação emocional, tal como já exposto neste trabalho. Importa lembrar que Rousseau comenta que as mulheres são formadas por sentimentos. Em continuação ao seu pensamento, “[...] se o Autor da natureza tivesse querido que pertencesse aos homens, ter-lhes-ia dado leite para alimentar as crianças. ” (idem, p. 434), se confirma que realmente ele está se referindo aos cuidados básicos da criança pequena.

Da boa constituição das mães depende inicialmente a dos filhos; do seio as mulheres dependem a primeira educação dos homens; das mulheres dependem ainda os costumes destas suas paixões, seus gostos, seus prazeres e até a sua felicidade. Assim, toda a educação das mulheres deve ser relativa ao homem. Serem úteis, serem agradáveis a eles e honradas, educá-los jovens, cuidar deles grandes, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida mais agradável e doce: eis os deveres das mulheres em todos os tempos e o que devemos ensinar já na sua infância. Enquanto não remontarmos a esse princípio, afastaremos do objetivo e todos os preceptores que lhe derem servidão de nada, nem para a sua nem para a nossa felicidade. (Rousseau, 1999, p. 433)

Esse fragmento evidencia claramente a concepção de formação que estava destinada as mulheres da época que Rousseau viveu, o que ainda repercute ao longo da história, associando a mulher como educadora, passiva, amorosa e paciente, guiada pelo coração e não por uma formação acadêmica, com direitos civis, políticos e social que caberia a ela, e como profissional, a total desvalorização na carreira, caso seguisse o magistério para quem atua principalmente na educação infantil, interligando a mãe a criança (Arce, 2001).

De acordo com Arce (2001), em sua dissertação de mestrado, ela ressalta que “o profissional da educação, como sendo mulher, não necessita de muita formação. Palavras como “jeitinho” e “gostar” são, segundo sua visão, são fundamentais para exercer o trabalho”. O que vemos é um olhar enraizado aos costumes do século XVIII, período em que a educação infantil, poderia ser ministrado por mulheres/mãe, sem muita formação acadêmica, ou nenhuma, bastava apenas ser mulher/mãe.

De acordo com os fatos mencionados, vê-se a importância de mudança urgente relacionada aos cuidados com a criança pequena para aquele período, visto que ao interpretar a criança como um mini adulto, não dando a ela os devidos cuidados para que se mantivesse forte

e chegasse a fase adulta. As mortes das crianças pequenas eram algo comum, de acordo com Ariés,

Ninguém pensava em conservar o retrato de uma criança que tivesse sobrevivido e se tornado adulta ou que tivesse morrido pequena. No primeiro caso, a infância era apenas uma fase sem importância, que não fazia sentido fixar na lembrança; no segundo, o da criança morta, não se considerava que essa coisinha desaparecida tão cedo fosse digna de lembranças: havia tantas crianças, cuja sobrevivência era tão problemática. Ainda no século XVIII, vemos uma vizinha, mulher de um relator, tranquilizar assim uma mulher inquieta, mãe de cinco “pestes”, e que acabara de dar à luz: “Antes que eles te possam causar muitos problemas, tu terás perdido a metade, e quem sabe todos”. Estranho consolo! As pessoas não se podiam apegar muito a algo que era considerado uma perda eventual. (Ariés, 1978, p. 56-57).

É imprescindível diante de fatos como esses que, os cuidados com as crianças pequenas deveriam ser de responsabilidade das mães. Seria como um fator vitalício para que essas crianças continuassem a ter o direito à vida. Chalmel afirma em suas observações que:

De fato, nesse fim do século XVIII, o bebê que vem à luz tem pouco mais que 50% de chance de ultrapassar o marco dos dois anos. A falta de cuidados e de higiene, a desnutrição e a deficiência da medicina, os abandonos de crianças quando as condições econômicas se tornam duras demais para as classes populares são alguns dos fatores que favorecem essa pavorosa mortalidade [...]. O único remédio conhecido é [...] ter muitos filhos e ele é seguido à risca. O estatuto do lactente é pouco invejável ele incomoda a burguesia nas suas atividades mundanas e estorva a operária obrigada a trabalhar do raiar do sol ao anoitecer: “Das vinte e uma mil crianças que nascem a cada ano, menos de mil são alimentadas por suas mães e mil são alimentadas em domicílio por uma ama. Todas as outras, ou seja, dezenove mil, são confiadas a uma criadeira”. Esta é a terrível conclusão estatística à qual chega, em 1780, Lenoir, tenente geral de polícia em Paris [...]. Independentemente de seus meios de origem, verdadeiras organizações de aliciamento encaminham as crianças para casas de amas-de-leite mercenárias. Durante o transporte, a mortalidade é grande. Entretanto, essa mortalidade muito elevada, em si, não basta para desculpar a falta de investimento, pelas mães, “na particularidade infantil”. (Chalmel, 2004, p. 62).

Visto que, Rousseau, demonstrou certa sensibilidade para com às crianças pequenas e que naquele momento foi o precursor em realizar Políticas Públicas voltada aos cuidados básicos da criança. O que no fundo era uma manipulação de interesse político se tornou um zelo e preocupação com a vida e o bem-estar das crianças proporcionando uma transformação aos pequenos cidadãos. Ao sugerir que a mulher fosse sua educadora e cuidadora ele ressalta, “Quanta ternura e preocupação ela não deve ter para manter a união da família! ” (Rousseau, 2004, p.521).

De acordo com Rousseau, se a criança estiver aos cuidados da mãe, essa mesma mulher que para ele, “Elas devem aprender muitas coisas, mas apenas aquelas que lhes convém saber” (2004, p.526), uma educação fragmentada, apenas para se obter os conhecimentos necessários

para se manter de forma culta dentro do lar e com a tarefa de educar os filhos, isso quer dizer que essa mulher/mãe não tem as influências do mundo externo. Com isso, essa mesma criança irá crescer no seu eu natural. Porque tanto a mãe quanto a criança não receberão as interferências sociais externas que corrompem o homem, de acordo com Rousseau.

Visto que a preocupação de Rousseau não se tratava exclusivamente da infância, havia sim um certo cuidado, visto que a infância precede a vida adulta, porém, seu maior receio seria com os homens enquanto adultos, no que iriam se tornar enquanto homens formados para se apresentarem na sociedade.

[...] por milhares de causas sempre renovadas, pela aquisição de uma multidão de conhecimentos e de erros, pelas mudanças que se dão na constituição dos corpos e pelo choque contínuo das paixões, por assim dizer mudou de aparência a ponto de tornar-se quase irreconhecível e, em lugar de um ser agindo sempre por princípios certos e invariáveis, em lugar dessa simplicidade celeste e majestosa com a qual seu autor a tinha marcado, não se encontra senão o contraste disforme entre a paixão que crê raciocinar e o entendimento delirante. (Rousseau. 1991, p. 227)

Assim, de acordo com Rousseau, fica claro a sua preocupação com a formação do caráter do homem. Para ele, o homem que recebe a educação da primeira infância, que se desenvolve aos cuidados da mãe, ele se forma um homem mais humano, o homem natural, visto que a sociedade forma homens racionais, ou homem civil.

O homem que recebe essa primeira formação enquanto ainda criança, possivelmente, terá uma maior capacidade para lidar com as problemáticas do meio social, por outro lado, o homem que se degenera no meio social o qual recebe todas as interferências da sociedade, esse ficaria à mercê de seus vícios e preconceitos. Rousseau, em Emílio, continua afirmando que,

[...] um homem abandonado a si mesmo, desde o nascimento, entre os demais, seria o mais desfigurado de todos. Os preconceitos, a autoridade, a necessidade, o exemplo, todas as instituições sociais em que nós achamos submersos abafariam nele a natureza e nada poriam no lugar dela. Ela seria como um arbusto que o acaso fez nascer no meio do caminho e que os passantes logo farão morrer, nele batendo de todos os lados e dobrando-o em todos os sentidos. (Rousseau, 1995, p. 9)

No tratar da educação da primeira infância, onde a mulher é a responsável por tal tarefa, diante da realidade de que a mãe é a primeira professora.

A educação primeira é a que mais importa, e essa primeira educação cabe incontestavelmente às mulheres: se o Autor da natureza tivesse querido que pertencesse aos homens, ter-lhes-ia dado leite para alimentarem as crianças. Falarei, portanto, às mulheres, de preferência, em vossos tratados de educação; pois além de terem a possibilidade de para isso atentar mais de perto que os homens, e de nisso influir cada vez mais, o êxito às interessa também muito mais, porquanto em sua maioria as viúvas se acham quase à mercê de seus

filhos e que então precisam sentir, em bem ou mal, o resultado da maneira pela qual os educaram. As leis, sempre tão preocupadas com os bens e tão pouco com as pessoas por terem como objetivo a paz e não a virtude, não outorgam suficiente autoridade às mães. (Rousseau, 1995, p. 9-10)

Ao refletir o lugar de ocupação da mãe na vida de uma criança, todo o respeito, a cumplicidade, a continuidade da cultura, da religião, de saberes populares, a autoridade que tem uma mãe sobre o filho todos esses aspectos irão refletir na sua formação e seu desenvolvimento social quando adulto.

Em um de seus discursos sobre a mulher a mesma poderia apenas aplicar os ensinamentos que o homem já havia desenvolvido antes, ou seja, que a mulher não teria competência para novas pesquisas, para novos conceitos, para novos ensinamentos.

A procura de verdades abstratas e especulativas, dos princípios, dos axiomas nas ciências, tudo o que tende a generalizar as ideias não é da competência das mulheres, seus estudos devem todos voltar-se para a prática: cabe a elas fazerem a aplicação dos princípios que o homem encontrou. (ROUSSEAU, 1992, p. 463).

Este fragmento demonstra uma clara compreensão de Rousseau sobre o comportamento feminino e masculino, ou melhor, ele deixa claro a distinção entre os sexos, o qual cada um deve seguir a sua competência natural. Para Rousseau quem eram as pessoas dignas de receber a liberdade, igualdade e fraternidade, pois as mulheres, enquanto jovem/adulta não recebiam esse mesmo conceito. Qual a visão de igualdade e de liberdade ele deslumbrava nesse momento e para quem? Acredita-se ser importante relacionar um pouco sobre essa liberdade e essa igualdade com os discursos que Jean Jacques Rousseau fez naquele período com a contemporaneidade dos dias atuais.

A figura da mulher contemporânea está estampada nos destaques das mídias, nos filmes, nas bancadas legislativas, judiciárias e federais. Hoje as mulheres não estão mais alocadas dentro de seus lares, como pessoas cativas à vida doméstica.

No século XVIII, onde o homem dominava a mulher e ela permanecia em submissão desde o nascimento quando não estava sob o patriarcado de seu pai, após completar 15 anos estava sujeita ao marido. No entanto, em Emílio, no V livro (Sofia a mulher), Rousseau afirma que: “Sofia está instruída dos deveres e direitos de seu sexo e do nosso. Conhece os defeitos dos homens e os vícios das mulheres; conhece também as qualidades, as virtudes contrárias, e tem-nas marcadas no fundo de seu coração” (Rousseau, 1973, p. 467). Sofia mesmo sem uma educação institucional, ela sabe ler, escrever e compreender cálculos, pois esses eram os conhecimentos destinados à mulher de seu tempo.

Nessa fala de Rousseau podemos entender que Sofia, mulher idealizada para Emílio, em sua peculiaridade feminina, não exige muita formação, pois em sua própria essência já se destaca na nobreza de viver em alta sociedade, com isso o conhecimento se torna algo acessível, no entanto não podemos dizer o mesmo as outras mulheres que viviam sob seu domínio, as mucamas, criadas, amas de leite, a essas jamais teriam o direito à educação.

Por outro ponto, o pensamento de Rousseau sobre a criança, traz uma inovação para época, principalmente porque a criança era vista como adulto em miniatura e não era reconhecida como ser humano em fase infantil, ou seja, uma criança. É importante ressaltar que tais crianças que necessitavam de cuidados específicos, ambiente apropriado para o desenvolvimento infantil, o alimento, a higienização, integridade física e emocional, proteção e demais cuidados que são fundamentais para com a criança da primeira idade, não eram oferecidos naquele período.

Aqui reside uma das principais contribuições dele para a educação, visto que ele vem afirmar que a criança deveria ser respeitada como criança e em seu processo de desenvolvimento não seria apropriado receber influências do mundo exterior ao seu, não ser adultizada, e sim desenvolver em seu mais natural possível, em contato com a natureza do seu eu (Rousseau, 1979). E, ainda, contribui com o seguinte pensamento: “O único hábito que devemos deixar que a criança pegue é o de não contrair nenhum” (Rousseau, 1995, p. 47)

Nesse sentido, a função do pedagogo é proporcionar a educação para as crianças como um processo libertador, tentando ofertar a ela o mais próximo do seu eu natural se tornando um estado de liberdade enquanto aprendizagem, contato com a natureza, com o seu eu natural sem influências do meio externo em que está inserido. O professor nesse processo é um mediador, todo conhecimento irá partir da curiosidade natural da criança.

De acordo com o filósofo, a criança não precisa de nada, apenas de suas próprias vontades e desejos, o professor deve ser um norteador, estar disponível para oportunizar a criança o que for necessário para que ela construa e desenvolva seus próprios conhecimentos, dentro das suas curiosidades. O professor será um orientador que ao mesmo tempo em que dispõe de objetos, situações, processos para o desenvolvimento da criança, ele rege a mesma de maneira que não se sinta só para que não viva de maneira desordenada e entregue aos vícios.

Para ele, a criança precisa estar em seu estado de liberdade para que tenha um melhor desempenho na sua formação acadêmica e humana, no entanto este estado de liberdade é abandonado à medida em que esta criança naturalmente em seu processo de desenvolvimento humano inicia-se na sociedade que exige dela contratos sociais que manipulam e organizam a vida civil.

5 - Considerações finais

Para finalizar esta pesquisa, saliento que Rousseau foi um filósofo que esteve à frente de seu tempo ao se sensibilizar com a educação infantil e propor mudanças tão zelosas. Suas metodologias, desenvolvidas através de um método hipotético, podem proporcionar melhorias para a vida da criança. Ao oferecer uma infância menos traumática, com mais cuidados, pensando em seu desenvolvimento social, afetivo, religioso, cultural e cognitivo sem interferências com o mundo externo, essa criança tem a possibilidade de se tornar um adulto melhor emocionalmente, socialmente e psicologicamente. Rousseau ao propor uma educação que para a época foi paradoxal, no sentido de ir contra os preceitos sociais já existentes, onde não compreendia a criança como um ser de cuidados e direitos. O propósito dele foi evidenciar que a criança deveria viver como criança e não ser tratada como um adulto em miniatura. É importante que convivam com razão e diferentes conhecimentos, e que o desenvolvimento seja de acordo com a própria procura da criança, que não fiquem à mercê dos vícios e nem aos seus próprios cuidados, assim se tornarão adultos equilibrados. Sua teoria didática em sugerir uma educação livre de influências exteriores para as crianças da Educação Infantil, voltada para o contato com seu homem natural, sem interferências do mundo social e político, principalmente para os dias atuais, é aceitável e favorável para o desenvolvimento dessas crianças. É necessário que essa criança tenha o direito de viver sua infância de maneira livre das arbitrariedades da vida adulta. Nesse sentido, é imprescindível que a criança viva as atrocidades da infância já que quando adulto é necessário que se comporte com moralidade e siga as regras dos pactos sociais.

Já à mulher competia apenas os cuidados do lar e da família e a obrigatoriedade da educação da primeira infância. De fato, Rousseau reafirma que à mulher deveria receber uma educação fragmentada sem conhecimentos aprofundados, saber ler, escrever e matemática básica era a intenção. Para selar as atribuições de uma mulher, ela deveria ser submissa e de comportamento honroso e virtuoso, com vida social restrita e nenhuma participação ao meio político. Rousseau com sua proposta de educação preconceituosa e excludente em relação a mulher, onde apenas os homens eram dignos de receber uma educação completa, nasce a questão problematizadora: qual o pensamento de Rousseau com relação à formação educacional da mulher no século XVIII e como esse pensamento reverbera nos dias atuais? Afinal para Rousseau a mulher deveria ser a primeira educadora da criança, com isso essa educação aconteceria de forma natural. A mulher do século XVIII por estar envolvida nos cuidados do lar e da família, e com a educação primeira das crianças de toda forma não lhe sobraria tempo para os estudos, e a medida em que essas crianças iam crescendo aos homens o direito de serem

matriculados em instituições escolares e as mulheres a obrigação do matrimônio. O ciclo de vida para os membros da sociedade nobre do período de Rousseau seguia o fluxo neste sentido. Importante ressaltar que as mulheres pobres nem sequer cogitaram a educação. Para a atualidade, o que vemos são mulheres que estão em constante luta, que perseveram por um espaço no mercado de trabalho, que rompe as barreiras e desbravam conceitos sociais e políticos em busca de conquistas e reconhecimento. Mulheres que, mesmo sendo responsáveis por cuidar e orientar os filhos, trabalhar fora estudar e ainda prover o sustento do lar, mulheres que querem ser reconhecidas e respeitadas como pessoas de capacidades e de igual valor aos homens. Ao observar as ações de algumas mulheres contemporâneas pode-se notar que ainda existem vestígios deste período arcaico e de dominação masculina. Mulheres que se sujeitam às regras de uma sociedade machista, opressora e patriarcal. Segundo Arce (2001, p.15) para que uma mulher venha ser educadora infantil é necessário que ela tenha voz agradável, saiba sorrir, seja bonita, sincera, em nenhum momento se exige desse profissional que ela venha ter formação acadêmica. O amor e a doação representam todo o trabalho da docência. Há uma desvalorização tamanha na figura da mulher profissional da educação infantil. A docência vive envolto a mitos que desqualificam o profissional, falas de que a mulher é uma educadora nata traz uma ideia de que ela nem precisa de uma formação universitária para reger uma sala de aula. Chega-se a compreensão de que o curso de Pedagogia, um curso de presença maciça feminina, seja necessário estudar o filósofo Jean Jacques Rousseau e seus conceitos, pois para nossa formação como futuras pedagogas, devemos conhecer as teorias pedagógicas clássicas e contemporâneas, mas conhecer Rousseau vai para além de teorias pedagógicas, aprimorar a habilidade de interpretar a sociedade, de criticar ações políticas estabelecidas por governos autoritários e opressivos essa deve ser a nossa função como educadoras, Pedagogas e principalmente mulher. Cabe ressaltar que este estudo, por mais singelo que seja, veio a salientar ainda mais o desejo de lutar por mais conquistas de espaços e respeito à educação infantil e ao gênero feminino. E como pesquisadora cabe interpretar que se para as mulheres e crianças daquela época foi difícil conseguir a sua inserção na educação e na sociedade, hoje com esse direito garantido, temos que pôr sentimento obrigatório de empatia e resiliência continuar lutando por esses e outros direitos sociais ligados às mulheres, as crianças e outros mais que vivem à margem da sociedade.

Entre muitas, cito exemplo de duas mulheres grandiosas que deixaram suas marcas na história da educação e representam as lutas e perseverança feminina, como por exemplo: Maria Tecla Artemisia Montessori (1870 - 1952), foi uma das primeiras mulheres a receber o título de doutora em medicina na Itália (1896) na Universidade de Roma. Impedida de seguir sua carreira

como médica psiquiátrica, por maior que tenha sido seu empenho e dedicação aos estudos, no entanto foi na prática da psicologia clínica que ao observar crianças excepcionais e excluídas da sociedade, que se deu início a sua pesquisa voltado à educação de crianças com deficiência. Outro exemplo, cita-se, Magda Becker Soares (1932 - 2023), mulher educadora, linguista, pesquisadora e professora universitária brasileira. Referência em alfabetização no Brasil, conhecida como a Dama da Educação brasileira, inúmeros são os títulos que acompanham este nome. Assim como é farta sua formação acadêmica e capacitação, Magda Soares diz que a educação não deve se conter em apenas ler e escrever. Para ela, um indivíduo alfabetizado é [...] aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita (Soares, 1998, p.39-40). Enfim, são mulheres como estas e outras mais que nos enche de orgulho e nos faz crer que somente através da educação que podemos reverter conceitos e preconceitos que perpassam pelos séculos. Finalizo esta pesquisa sem concluir, pois, reconheço que o tema em questão requer estudos e pesquisas ainda mais grandiosos e aprofundados, ficando como proposta de continuidade para o mestrado. Considerando a questão problematizadora, me sinto realizada em sanar as indagações, em reconhecer que para aquele período Rousseau se destacou em ser o precursor da educação infantil. No entanto seu processo de democratização social é incoerente, pois a democracia é um direito político dado ao ser humano de igual valor e o direito de participação e/ou representatividade, é um dos atributos essenciais, principalmente no tocante a educação indiferente do gênero, nível social e etnia. Em suma, não querendo ofender ou desrespeitar a figura masculina, pelo contrário a mulher deseja estar no lugar a qual ela se esforçou para chegar. Fechando, portanto, a discussão reconhecendo que a primeira infância é fundamental para o desenvolvimento da criança, como mulher/mãe que sou me sinto honrada pelo reconhecimento de ser a primeira educadora de meus filhos, porém mais importante é o reconhecimento que todas as mulheres devem receber mediante a liberdade de escolha seja ela em ser uma docente, pesquisadora, médica, filósofa, ou qualquer que venha ser a profissão por ela escolhida, pois a conquista está no direito de escolha.

Referências:

- ARCE, Alessandra. Documentação oficial e o mito da educadora nata na educação infantil. Cadernos de Pesquisa, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/KBkSjzMqRzJYD493bKxwVVw/#>. Acesso em: 20 de março de 2024.
- BRASIL, Ministério da Justiça. Mulheres representam apenas 12% dos prefeitos eleitos no 1º turno das Eleições 2020. [Brasília]: Ministério da Justiça, 24 nov. 2020. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2020/Novembro/mulheres-representam-apenas-12-dos-prefeitos-eleitos-no-1o-turno-das-eleicoes-2020>. Acesso em: 11 out. 2024.
- ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, S.A, 1978.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011
- BRANDÃO, Z. A dialética macro/micro na sociologia da educação. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, SP, n. 113, p. 153-165, jul. 2001.
- CHALMEL, Loic. Imagens de crianças e crianças nas imagens: representações da infância na iconografia pedagógica nos séculos XVII e XVIII. Educação e sociologia. Campinas, v. 2, n. 86, abr. 2004, p. 57-74.
- CIRIZA, Alejandra. A propósito de Jean Jacques Rousseau: contrato, educação e subjetividade. Filosofia política moderna. De Hobbes a Marx Boron, Atilio A. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales; DCP-FFLCH, Departamento de Ciências Políticas, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP, Universidade de São Paulo. 2006.
- CORRÊA, S.; ÁVILA, M.B. Direitos sexuais e reprodutivos: pauta global e percursos brasileiros. In: BERQUÓ, E. (org.). Sexo e vida: panorama da saúde reprodutiva no Brasil. Campinas: UNICAMP, 2003. p. 17-78.
- FERRARI, T. A. Metodologia da pesquisa científica. São Paulo: McGraw-Hill, 1982.
- GOODMAN, Dena. Becoming a woman in the age of letters. Ithaca and London: Cornell University Press, 2009.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Metodologia Científica. São Paulo: Editora Atlas, 1991.
- LOMBROSO, Gina. La femme dans la société actuelle. Paris: Payot, 1929.
- MONTESSORI, Maria. Pedagogia Científica: a descoberta da nova criança – (tradução de Aury Azélio Brunetti). São Paulo: Flamboyant, 1965./
- OLIVEIRA, G. S. CUNHA, A. M. O. CORDEIRO, E. M.; SAAD, N. S. Grupo Focal: uma técnica de coleta de dados numa investigação qualitativa? In: Cadernos da Fucamp, UNICAMP, v.19, n.41, p.1-13, Monte Carmelo, MG, 2020.
- PATEMAN, Carole. O contrato sexual. Trad. de Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- PRETTI, Gleibe; SANTOS, Daniele Jorge. Jean-Jacques Rousseau: “O homem nasce bom e a sociedade o corrompe”. [S. l.]: Jus.com.br, 19 nov. 2021. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/94938/jean-jacques-rousseau-o-homem-nasce-bom-e-a-sociedadeocorrompe>. Acesso em: 09 junho 2024.
- PROENÇA, Kátia Aparecida Poluca. Rousseau: a educação da mulher e sua formação cívica. Mestrado (dissertação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

RAMAYANA, Marcos. Direito eleitoral. Rio de Janeiro: Impetus, 2005. p. 25.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. A origem da desigualdade entre os homens/ Jean-Jacques Rousseau; tradução de Eduardo Brandão. 1a ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Trad. de Lourdes Santos Machado. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 215-320 (Coleção *Os pensadores*, 6).

ROUSSEAU, Jean Jacques. Do contrato social. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 22.

ROUSSEAU, Jean Jacques. Emílio ou da educação. 3. ed. São Paulo: Difel, 1979

ROUSSEAU, Jean Jacques. Emílio ou da educação. São Paulo: DIFEL, 1973.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio ou da educação. Trad. de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio ou da educação. Trad. Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Emílio ou da educação. Trad. Roberto Leal Ferreira. 2 Ed., São Paulo: Martins fontes, 1999.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Do Contrato Social. Trad. Rolando Roque da Silva. Ed. eletrônica: Ridendo Castigat Mores, 2002.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. O contrato social e outros escritos. São Paulo: Ed. Pensamento-Cultrix Ltda, 2002.

ROUSSEAU, Jean Jacques, 1712-1778 Os devaneios do caminhante solitário / Jean Jacques Rousseau; Trad., introdução e notas de Fúlvia Maria Luiza Moretto. São Paulo : Editora Nova Alexandria, 2018.

SILVA, Rolando Roque da. Introdução - O Contrato social e outros escritos. Jean-Jacques Rousseau. Editora Cultrix, São Paulo, 1999.

SOARES, Magda. Letramento: Um tema em três gêneros/ Magda Soares, Belo Horizonte: Autêntica, 1998

SOËTARD, Michel. Jean-Jacques Rousseau. Trad. Verone Lane Rodrigues Doliveira. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores)